

**MATXU E ATSA: PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE
ALIMENTAÇÃO SHANENAWA NA ALDEIA MORADA NOVA,
TERRA INDÍGENA KATUKINA/KAXINAWA**

**MATXU AND ATSA: PRODUCTION OF MEANING ABOUT FOOD
SHANENAWA OF MORADA NOVA VILLAGE, KATUKINA/
KAXINAWA INDIGENOUS AREA**

Edilene Machado Barbosa (Pakakuru) - edilene.barbosa@sou.ufac.br
Eldo Carlos Gomes Barbosa Shanenawa (Purumã) - eldo.gomes@sou.ufac.br
Shelton Lima de Souza - shelton.souza@ufac.br

RESUMO

Este trabalho é uma proposta de análise sobre sentidos produzidos por sujeitos Shanenawa em torno de questões alimentares que compõem o Festival do Matxu que é realizado na aldeia Morada Nova. Partindo desse objetivo, realizamos o trabalho por meio de pesquisa realizada na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, no município de Feijó, Acre. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas algumas técnicas, tais como: entrevista, observação participante, registro em caderno de campo e por meio de fotos. Durante as práticas de alimentação e de nutrição do povo Shanenawa, todos os pratos apresentam macaxeira, tanto para alimentação do dia a dia como em momentos de festas. Com o passar dos anos, o povo Shanenawa passou por transformações culturais que acarretou modificações nos seus traços alimentares e, por isso, o Festival do Matxu vem sendo organizado pelo povo com a proposta de se estudar e mostrar às gerações mais novas das comunidades Shanenawa envolvidas, principalmente da aldeia Morada Nova, elementos alimentares considerados tradicionais pelo povo, bem como um momento de festejo das bonanças adquiridas pelas comunidades Shanenawa ao longo do ano.

Palavras-chave: Matxu, povo Shanenawa, Atsa

ABSTRACT

This paper is a proposal for analysis of meanings produced by Shanenawa subjects around food issues that make up the Matxu Festival which is held in the Morada Nova village. Based on this objective, we carried out the work through research carried out in the Katukina/Kaxinawa Indigenous Area, in the Feijó city, Acre. To develop the research, some techniques were used, such as: interviews, participant observation, recording in a field notebook and through photos. Over the years, the Shanenawa people have undergone cultural transformations that have led to changes in their dietary traits and, therefore, the Matxu Festival has been organized by the people with the aim of studying and showing the younger generations of the Shanenawa communities involved.

Keywords: Matxu, Shanenawa people, Atsa

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste texto, serão feitas referências ao povo Shanenawa e a traços de sua alimentação por meio de histórias – tradicionalmente conhecidas como mitos (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) – narradas por anciãos Shanenawa e por gerações mais novas de sujeitas e de sujeitos desse povo. Assim, de início, destacamos que as menções relacionadas a aspectos históricos do povo Shanenawa são de caráter mitológico sem qualquer pretensão de apresentar relatos com base em perspectivas científicas que ambicionam fazer discussões com base em “realidades”. Dessa maneira, as ideias presentes neste artigo se relacionam a pontos de vistas dos Shanenawa – ou pelo menos de alguns deles – no que concerne aos saberes, em que histórias, espiritualidade e outros elementos da vida social se entrelaçam.

Essa questão faz com que nós, autores deste texto, entendamos que as “realidades” são construções discursivas, produzidas pelas linguagens, para atender às necessidades sociopolítico-cultural de sujeitos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018). Nesse sentido, compreendemos que os Shanenawa precisam marcar posições políticas no Acre frente à sociedade não indígena e também às sociedades indígenas, particularmente Pano, que estão ao seu redor. Portanto, assim como historiadores, linguistas, antropólogos, sociólogos etc. constroem discursivamente realidades, os povos indígenas também o fazem e, no caso deste artigo, os Shanenawa o fazem. Por isso, neste texto, apresentamos as interpretações que fazemos dos pontos de vista dos Shanenawa, o que acarreta a dizer que não estamos partindo de “verdades”, mas de possibilidades de saberes forjadamente produzidas pela linguagem.

Nesse contexto, as produções de narrativas, com traços históricos sobre os Shanenawa são construídas por membros desse povo, sobretudo por anciãos, em que histórias de formações e divisões dos Shanenawa se inter-relacionam a narrativas de produções de alimentos que, segundo os discursos dos Shanenawa, o que comem ou que produzem para comer são tradicionais, embora, atualmente, os anciãos ao comparar as alimentações contemporâneas com as que eles consideram tradicionais observam modificações; e as gerações mais recentes Shanenawa consideram que seja possível, por um viés político-discursivo, retomar comidas outrora consumidas, marcando, dessa forma, formas de identidades Shanenawa. No contexto de produção discursiva, as tradições são inventadas (HOBSBAWN, 2012) e, por conseguinte, utilizadas para marcar alteridades, o que nos faz considerar que assim como quaisquer traços culturais Shanenawa, a perspectiva de tradição alimentar também é uma construção discursiva produzida para marcar posição política frente a outras possibilidades de sociedades, culturas e grupos sociais.

A partir desse viés, neste texto, objetivamos discutir os traços de sentidos construídos por indígenas Shanenawa sobre a sua alimentação, com particular atenção aos significados atribuídos ao uso da mandioca e, também, como esse vegetal é utilizado em receitas e festivais, sendo neste último, a mandioca usada como um dos símbolos da tra-

dição alimentar Shanenawa, marcando um dos elementos constituintes das identidades Shanenawa.

DESENVOLVIMENTO

O POVO SHANENAWA: A PRODUÇÃO DE REALIDADES POR MEIO DA LINGUAGEM

É dessa forma que, partindo de realidades construídas pelas linguagens, que alguns anciãos Shanenawa relatam que o povo surgiu dentro de um cesto. Era um casal de velhos que morava em uma casa em que em sua cumeeira¹ havia um cesto². Em algum momento, esse cesto começou a rodar. Quando o casal foi olhar, havia duas crianças dentro do cesto. Eram crianças brancas (não indígenas). Passaram-se mais dias e o cesto começou a se movimentar novamente e, nesse momento, o casal observou que, além das crianças, havia também penas de diversas aves, tais como urubu, tucano, japó, *shane* (pássaro azul – pássaro considerado raro³), além de asinhas de morcego. De cada uma das penas das aves que estavam no cesto, surgiu um povo. As pessoas pertencentes a esses povos saíram do cesto e começaram a povoar a terra, os povos Pano (RODRIGUES, 1986). De acordo com essa história, tendo em vista que havia duas crianças não indígenas no cesto primeiramente, o povo Shanenawa considera que os não indígenas foram os primeiros a sair do cesto.

Após a criação dos povos, afirma-se que os Shanenawa habitavam as margens do rio Juruá e, nesse ambiente, entravam em conflito com outros povos e entre si. Foi no contexto de brigas internas ao grupo, sendo que alguns Shanenawa relatam que as contendas eram motivadas por relações entre homens e mulheres, acarretou o deslocamento de uma parte dos Shanenawa para outras regiões, algumas delas já situadas no Peru, e outras regiões próximas aos rios Tarauacá e Muru, no Brasil. Entende-se que isso se deu antes do contato com os não indígenas.

De acordo com Yawa, ancião Shanenawa, o contato com os não indígenas foi evidenciado por meio de alguns rastros:

Vi um rastro grande de homem branco. Pastorou, até que o homem branco apareceu pra mim. O homem mostrou o chapéu e perguntou se eu queria, então fizemos a troca: eu lhe dei um chapéu de pena e o homem me deu o seu chapéu. Depois que fizeram a troca, ele falou: “Daqui a dois dias eu venho te encontrar (Relato de Yawa fornecido a Purumã, seu neto, um dos autores deste texto).

Yawa afirmou que o homem mencionado no excerto acima era um seringueiro. Ainda segundo o ancião, quando os seringueiros apareciam no ambiente Shanenawa traziam consigo tabaco – que Yawa chamava de ‘tamaco’. Em troca, os indígenas davam-lhes carne moqueada, coxa de veado e de paca. Depois disso, os seringueiros passaram

1 Pico de uma casa em que duas partes do telhado se encontram.

2 Há outras narrativas que se referem à constituição do povo Shanenawa. Para mais informações, conferir Shanenawa (2022a).

3 O Shane é considerado um pássaro raro entre os Shanenawa e, desse modo, acredita-se que somente as gerações mais velhas do povo já o viram. Também, de acordo com os relatos de anciãos, o pássaro é identificado em “mirações” que são os momentos de uso do Uni, Ayhuasca, durante rituais específicos.

a levar, para fazer parte da troca, terçados, espelhos etc. e foi assim que Yawa afirma que se deram os primeiros contatos entre Shanenawa e não indígenas.

Apesar do relato de Yawa aparentar que o contato entre os Shanenawa e não indígenas foi tranquilo, as atividades de troca eram formas utilizadas para “amansar” os indígenas, considerados bravos, para serem escravizados em seringais para o cultivo e a colheita da seringueira, cuja matéria-prima, o látex, servia para a produção de borracha para abastecer ao mercado externo, sobretudo assolado pela Segunda Guerra Mundial. E, por isso, após o contato com os seringueiros e seringalistas, os Shanenawa passaram a viver em seringais, sendo o seringal Simpatia, no rio Envira, o primeiro a ser habitado por eles. O último seringal em que os Shanenawa habitaram, antes da demarcação da Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, foi o São Francisco, considerado bem distante do primeiro seringal que habitaram. Do seringal São Francisco, foram para a cidade de Feijó/AC, até então um pequeno vilarejo. Eles ficaram em um seringal próximo à cidade. Segundo informações obtidas com anciãos Shanenawa, o seringal em que estavam habitando pertencia a Valdemar Prohem que, devido aos Shanenawa serem mão de obra barata para ele, não impediu a permanência dos indígenas. Segundo Shanenawa (2013b), o povo Shanenawa:

[...] está localizado na margem direita rio Envira no Município de Feijó, Estado do Acre Brasil. Situado dentro da TI Katukina/Kaxinawa do Alto Envira. Os Shanenawa foram identificados pelos “nawa” (brancos ou não índios), ou seja, pelos grupos colonizadores invasores como se fossem Katukinas, assim confundidos, tiveram dificuldade de impor-se como etnia autônoma, mas hoje já conseguiram se colocar devidamente com o povo Shanenawa, ou seja, sua identidade como “povo do pássaro azul” é reconhecida no atual cenário da política indígena do Acre (SHANENAWA, 2013, p. 09).

Para a autora, os Shanenawa (2013b), embora tenham sido confundidos com outro povo Pano, atualmente, conseguiu se estabelecer como um grupo independente que, aos longos dos anos passou por várias modificações culturais, sobretudo na parte alimentícia. Para Shanenawa (2013b), as mudanças alimentares ocorreram devido ao contato com pessoas não indígenas que se intensificou na aldeia Morada Nova, uma das aldeias Shanenawa na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, e que é uma das mais próximas da cidade de Feijó.

HISTÓRIAS DE ALIMENTAÇÃO SHANENAWA: OS YUAXIHU NAWA

Entre os Shanenawa, há várias histórias que fazem referência à alimentação. Uma delas é contada a partir dos seres mitológicos Yuaxihu Nawa. Para os Shanenawa, os Yuaxihu Nawa era um povo que, embora vivesse perto de outros grupos, não compartilhava a sua colheita com ninguém, exceto quando algum sujeito de outro povo os visitava. Durante a visita, os Yuaxihu Nawa serviam os seus legumes e verduras, pois tinham todo tipo de comida, em destaque milho, abóbora, amendoim, mamão, banana, iame,

cará, todo tipo de milho, cana, pimenta, batata, macaxeira e fogo. Sendo assim, os outros povos dependiam dos Yuaxihu Nawa para sobreviver. Apesar de oferecer alimentação durante as visitas, os Yuaxihu Nawa não ensinavam como cultivar os vegetais, não fornecendo as sementes para o plantio. Guardavam esse conhecimento para si.

Os roçados dos Yuaxihu Nawa eram grandes e, devido à extensão territorial, o que dificultava a vigilância em relação a roubos, eram colocadas no chão cobras venenosas e tucandeiras – um tipo de formiga. Nas palhas de milho e nas folhas de macaxeira e banana deixavam marimbondos – um inseto, cuja picada é dolorosa – e, em cima das árvores, colocavam araras, tucanos e canção – um tipo de gralha –, para enxergar em longas distâncias e assim avisar para impedir o roubo. Os Yuaxihu Nawa eram muito cautelosos quanto à sua alimentação e, assim, para impedir o roubo dos vegetais, bem como de sementes, desenvolveram algumas técnicas ao dar os vegetais a outras pessoas: no caso de uma espiga de milho, a entregavam assada para que não houvesse a oportunidade de colher a semente para plantio; em relação à macaxeira, para que outras pessoas não a plantasse, as manivas – galhos – eram molhadas com água quente; davam a banana, mas a entregavam já cozida. Com essas ações, os Yuaxihu Nawa mantinham o controle sobre a produção de alimentos.

No entanto, um dia, quando um indígena passava por um dos roçados dos Yuaxihu Nawa, ele viu sementes de milhos secando no sol. Ao chegar na casa dos Yuaxihu Nawa, começaram a conversar. Durante a conversa, o indígena em visita inventou que estava com vontade de urinar, saindo em direção ao matagal. Como era uma invenção, tendo em vista que não estava com vontade de urinar, o indígena foi ao fundo da casa e pegou algumas sementes de milhos que, anteriormente, ele havia visto. Deu uma desculpa qualquer aos donos da casa e foi embora.

Algum tempo depois, os Yuaxihu Nawa foram ver as sementes de milho e, ao contar, perceberam que estavam faltando algumas. Lembraram da visita do indígena e, rapidamente, o acusaram de roubo. Foram até o suposto ladrão e tiraram sua roupa para revistá-lo. Olharam partes do corpo do indígena, como olhos, boca, orelhas, mas não encontraram nada. Tentaram revistar as suas nádegas, mas o indígena disse que não iria mostrá-las, mas as ações do indígena não surtiram efeito, pois o seguraram e revistaram, também sem êxito. O único lugar que ainda não tinham revistado era o seu pênis. Ao fazê-lo, encontraram as sementes de milho. Ao ser confrontado com as sementes de milho, o indígena ficou com muita vergonha, transformando-se em um calango. Os Yuaxihu Nawa o pegaram, tiraram seu couro, passaram a pimenta mais forte que tinham nele como punição pelo roubo. Ao sentir a força da pimenta sobre seu corpo, o indígena, em formato de calango, correu em direção ao igarapé e pulou na água. Após se lavar, retirando toda a pimenta, o calango se transformou em indígena novamente e foi em direção ao seu povo para contar o ocorrido.

Após contar o que houve, um parente do indígena disse que iria até o roçado dos Yuaxihu Nawa e pegar várias manivas. Ao chegar no local e tentar pegar as manivas, os

marimbondos o atacaram. Ele rapidamente soltou as manivas, foi até o igarapé para se molhar para impedir as picadas dos insetos, sem êxito. Com muitas picadas de marimbondo, o indígena se transformou em jacaré, entrou no igarapé e foi até o seu povo para relatar o ocorrido. Informou que ele estava em formato de jacaré. Desse modo, entende-se que o jacaré tem o seu couro com protuberâncias devido às picadas dos marimbondos.

Depois desses acontecimentos, os outros povos se revoltaram e se uniram para acabar com os Yuaxihu Nawa. Para tal ação, prepararam arcos e flechas, lanças e bordunas – um tipo de armamento de madeira. Quando estavam todos armados para o ataque, um deles teve uma ideia de chamar o tatu canastra, para ajudar a atacar o povo Yuaxihu Nawa que atendeu ao chamado sendo incumbido de cavar o chão para fazer um canal bem fundo ao redor da aldeia. No momento do ataque, um dos indígenas chamou a atenção dos Yuaxihu Nawa para que fossem ao encontro do grupo armado. Ao verem os indígenas armados, alguns Yuaxihu Nawa avançaram em direção a eles, caindo nas valas que foram feitas pelo tatu-canastra. Após isso, como havia poucos Yuaxihu Nawa, os indígenas insatisfeitos mataram o restante dos homens, deixando vivos apenas mulheres e crianças. Com as mulheres, os homens se casaram e criaram as crianças.

Os indígenas ficaram contentes por terem ganhado a batalha, vangloriando-se da vitória e da forma como conseguiram vencer. Além disso, a vitória lhes trouxe a possibilidade de obter todas as sementes de vegetais produzidas pelos Yuaxihu Nawa e, assim, conseguiram fazer vários roçados, com plantações contendo diversos legumes e verduras. Foi dessa forma que, os anciãos Shanenawa ensinaram a diferentes gerações desse povo a forma como começaram a construir plantações nos roçados e a obter alimentação que, ao longo do tempo, foram organizadas de diferentes formas por meio das compreensões de mundo e de existências construídas pelos Shanenawa. Nesse contexto, os sentidos construídos em torno da alimentação em consonância com as concepções de mundo dos Shanenawa começaram a inserir, em uma espécie de grupo alimentar dos Shanenawa, os diferentes resultados advindos do contato dos Shanenawa com outros grupos indígenas e com não indígenas.

Na questão da alimentação do povo, além de chamar a atenção para as modificações ocorridas ao longo do tempo em um país com alta diversidade alimentar, principalmente devido aos povos indígenas, Shanenawa (2013b) afirma que os indígenas contribuíram para a cultura alimentar brasileira. Para ilustrar essa diversidade, a autora faz menção ao festival do Matxu, desenvolvido pelo povo Shanenawa em que se faz referência à macaxeira, considerada um dos alimentos básicos das culturas alimentares do grupo. Apesar da mandioca ser considerada um alimento fundamental na culinária Shanenawa – que inclusive é a matéria-prima da bebida Matxu –, o festival, de mesmo nome da bebida, é uma festa que celebra a colheita Shanenawa – em que se faz relação também com a banana, com o mamão etc. –, inclusive uma celebração de agradecimento pelos bens espirituais, materiais etc. que foram adquiridos pelos indígenas ao longo do ano, já que o festival acontece uma vez por ano. Além de fazer menção à alimentação básica Shane-

nawa, os produtos alimentares no festival do Matxu se relacionam as canções, as danças e as pinturas, além de vestimentas específicas, para que o festejo em torno do alimento se efetive. Nesse sentido, há uma inter-relação de linguagens que constroem sentidos em torno da alimentação Shanenawa durante o festival do Matxu:

Durante os mais recentes festivais do “Matxu” foram realizados nossos “xikaris”. Ou seja, durante a festa e em que convidamos outros povos indígenas e os nawa de Feijó para festejarem conosco e comemoramos a conquista da T. I [demarcação da Terra Indígena Katukina/Kaxinawá]. Nós aproveitamos a ocasião para realizarmos um “xikari” e mostrarmos a todos convidados a força da nossa tradição em todo seu conjunto. É verdade que nossos “xikaris” são realizados constantemente, porque a nossa educação escolar já incorporou a transmissão da nossa política tradicional. Nós ensinamos as nossas crianças a realizarem o “xikari”, ensinamos as músicas e o conjunto de danças além das pinturas, comidas e vestimentas tradicionais (SHANENAWA, 2013 b, p. 20).

Um *xikari* – elemento rítmico com vestimentas e pinturas específicas – inicia-se quando ocorre a reunião dos Shanenawa para planejamento do festival do Matxu. Com um mês de antecedência, convida-se as comunidades da Terra Indígena Katukina/Kaxinawá para se decidir se todos estão de acordo com a festa a ser realizada. Em caso de decisão positiva, inicia-se a organização do festival com a distribuição de tarefas entre homens e mulheres; entre as tarefas delegadas estão a preparação do espaço para a realização das festas que compõem o festival, a construção de barracas, a organização das ferramentas utilizadas durante as atividades, bem como a construção do palco em que ocorrem os rituais.

O cacique geral das aldeias Shanenawa é quem convida os homens para o trabalho a ser realizado, sendo, na parte da manhã, a divisão das tarefas. Após a realização dessa parte da atividade, os homens se dividem entre os que vão procurar e coletar material para a construção das barracas. Os homens se dividem para colher uma grande quantidade de macaxeira em seus roçados. Nesse caso, a macaxeira é transportada em sacos que, devido à quantidade de macaxeira, ficam pesados e, por isso, essa atividade é considerada masculina. Os homens também fazem uma grande limpeza nos espaços em que o festival irá ocorrer e nos caminhos de acesso, deixando tudo limpo para os rituais que ocorrerão. No caso das mulheres, elas se organizam principalmente para preparar a caçuma e produzir seus artesanatos (pulseiras, colares, brincos), construir as vestimentas e preparar as tintas que serão usadas durante o *xikari*. Aos professores das comunidades Shanenawa, sejam homens ou mulheres, cabe a organização das crianças, dividindo entre elas tarefas, além de ensaios de canções e de danças com sons e ritmos que são considerados pelos Shanenawa, sobretudo entre os anciãos, aspectos culturais do povo.

Na Imagem 1, apresenta-se um grupo de mulheres preparando a macaxeira para a produção do Matxu e na Imagem 2, Pakakuru (Edilene), uma das autoras deste texto, que é uma indígena Madiha casada com Purumã, também um dos autores deste texto e indígena Shanenawa, amassa a macaxeira para a produção de Matxu:

Imagem 1 – Preparo do Matxu



Fonte: acervo pessoal de Pakakuru

Imagem 02: preparo do Atsa (macaxeira) para fazer Matxu



Fonte: acervo pesquisa

Para fazer o matxu, a macaxeira precisa ser conservada antes de ser amassada para a preparação da bebida. A macaxeira é um vegetal que se decompõe em no máximo três dias, caso ela for perfurada ao ser colhida, ainda abaixo da terra. Se ocorrer a perfuração, após esse tempo ela mudará de cor e de cheiro. Os Shanenawa conservam a macaxeira até quinze dias depois de ser arrancada do roçado. Ao ser tirada da terra, ela vai ser conservada com a temperatura da terra. Conservada a mandioca, ela passará pelo processo de preparação do Matxu, conforme pode ser visto nas imagens 1 e 2.

A festividade é preparada em torno da mandioca, mas para que os rituais ocorram de acordo com o que preconizam os Shanenawa, no dia específico do festival, todos os envolvidos devem estar prontos e organizados em suas funções para realizar o xikari que é iniciado a partir da construção de uma grande roda em que se começa a produzir o *shenashuku* (shena= lagarta, shuku = junto, novo), o canto de abertura. O Shenashuku representa a união e o fortalecimento do povo, desde uma referência ao estudo embrionário ao nascimento dos Shanenawa, simbolicamente construindo-se como filhos de uma mesma mãe, para sobreviverem e se protegerem entre si, formando um único ser. O Shenashuku também é uma espécie de aquecimento dos corpos para preparação dos rituais, principalmente do xicari. Ao todo, o festival dura quatro dias.

Quando o xicari começa, os homens entram com lanças de pupunha – uma fruta amazônica – e algumas varas de algodoeiro (devido à falta de lanças usam-se as varas como símbolos de referência às lanças). No início do xikari os homens entram em fila dançando, cantando em uníssono seguindo um ritmo compassado e batendo suas lanças no chão em direção ao centro do terreiro e aos poucos vão em corrente formando uma roda ampla de mais ou menos 70 homens adultos. Quando os homens terminam de formar a roda entram em cena as mulheres que formarão os devidos pares previamente combinados.

As mulheres entram entre os homens em um movimento chamado *kaste*, que significa entrelaçar; a roda é composta por mais ou menos 140 pessoas, sendo um homem seguido de uma mulher e depois outro homem e outra mulher e assim por diante. As mulheres antes do Kaste seguem em fila trotando, cantando, gritando e seguindo o grito dos homens compassadamente.

Nas Imagens 3 e 4 a seguir, é possível visualizar algumas imagens de momentos do xikari.

Imagens 03: Abertura do Nuke Xikari (nosso xikari) com Edileuda Shanenawa (esquerda) e Purumã (ao lado direito de Edileuda)



Fonte: Shanenawa (2013)

Imagem 4 – momento do Xikari com Pakakuru (à esquerda) e Purumã (ao centro)



Fonte: Matsiani Shanenawa

O festival do Matxu, além de ser uma grande festa de celebração às bonanças ocorridas durante o ano nas comunidades Shanenawa, conforme foi comentado anteriormente, é uma referência a um dos principais elementos da alimentação Shanenawa: atsa, a macaxeira. Para os Shanenawa toda e qualquer alimentação é sagrada, conquanto a macaxeira seja um elemento considerado fundamental. É um dos vegetais mais usados na alimentação do povo, tendo em vista que é a matéria-prima de vários pratos da culinária Shanenawa, seja no dia a dia das comunidades, como também em momentos ritualísticos do povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O festival do Matxu, além de ser uma festividade para congregar as diferentes aldeias Shanenawa na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, é uma celebração do bem-viver Shanenawa em torno de um alimento considerado fundamental na alimentação Shanenawa: a macaxeira. Esse vegetal, de acordo com alguns anciãos Shanenawa, a macaxeira sempre foi comida sem sal no máximo com o uso de pimenta malagueta – *Yutxi xiatapa* –, tendo em vista que o condimento sal começou a ser usado pelos indígenas Shanenawa por meio do contato que fez com as gerações atuais usem o sal na macaxeira, já uma característica da inter-relação alimentar promovida pelas misturas culturais. Nesse sentido, o sal é um exemplo de elemento não indígena inserido na dieta alimentar Shanenawa, conforme indicam os anciãos.

Na produção do matxu, sobretudo para a realização do festival que durava cerca de seis dias e, conforme foi informado no artigo, passou para quatro dias, a base da massa oriunda da trituração da macaxeira era a mastigação. Assim, mastigava-se a macaxeira, sendo o resultado inserido em recipientes. Atualmente, são usados liquidificadores elétricos

cos para tal função, outro traço do contato. Nesse contexto de industrialização promovida pela inter-relação entre Shanenawa e as sociedades envolventes, aprecia-se comer macaxeira com carne – *atsa mã* –, também misturada com folha de couve para os Shanenawa – *nãwãti* –, encontrada nas margens dos igarapés, que passa a ser o – *atsa xiru* (mandioca com folha de couve). Além de comidas, a mandioca é a matéria-prima de várias bebidas, como o matxu, elemento base do festival anteriormente descrito, e o *atsa mutsa* (mingau de mandioca).

Ao se trazer questões referentes ao festival do Matxu neste texto, bem com discutir alguns sentidos que são produzidos pelos Shanenawa em torno de alimentos como a macaxeira, além de comidas e bebidas que utilizam esse vegetal como matéria-prima, faz-se mister destacar a maneira como os Shanenawa, atualmente, estão se utilizando de conhecimentos, que eles consideram como ancestrais, oriundos de narrativas produzidas, principalmente por anciãos do povo, para se constituírem como uma sociedade independente que tem as suas próprias “tradições alimentares”. Nesse sentido, este texto é um exemplo, embora reduzido, das possibilidades de sentidos que um povo indígena amazônico, no caso os Shanenawa, pode construir em torno de traços culturais transmitidos por meio alimentação que, nesse sentido, são entendidos como passíveis de influência, tendo em vista que alguns Shanenawa relatam a influência da alimentação não indígena nas comunidades do povo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- CASTRO, E. V. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. Cosac & Naify, São Paulo, 2002.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IGLESIAS, M. 2010. **Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá**. Brasília: Paralelo 15.
- AQUINO, T. V. **Os Kaxinawá e os brabos: territórios indígenas e deslocamentos populacionais nas fronteiras do Acre com o Peru**. Travessia, São Paulo: s.ed., v. 9, n. 24, p. 29-38, jan./abr. 1996.
- LAGROU, E. M. **Caminhos, duplos e corpos: uma abordagem perspectivista da identidade e alteridade entre os Kaxinawá**. São Paulo: USP, 1998.
- SHANENAWA, E. C. G. B. **“Os mais novos não falam o Nuke Tsây, querem ser não indígenas”**: usos linguísticos e possibilidades de (re)existência linguísticas do povo Shanenawa da terra Indígena Katukina/Kaxinawa (Aldeia Morada Nova). Rio Branco 2022.
- RODRIGUES, A. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo, Loyola, 1986.
- SHANENAWA, E.; Matxurihi, N. X. **Traços da cultura política Shanenawa**. 2013. 52 f. Universidade Federal do Acre: Curso de Formação Docente para Indígenas. T. I. Katukina/Kaxinawá – Aldeia Morada Nova. Feijó - Acre, 2013.